

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

MEMÓRIA

O dinossauro de oito cabeças que mudou o rock no Brasil

Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

A expressão é recente, surgida nas caixas de comentários das redes sociais, e não tem relação direta com o momento histórico em que os Titãs gravaram seu terceiro e maior álbum. Ainda assim, é uma descrição que funciona à perfeição: de fato, *Cabeça Dinossauro* foi concebido na força do ódio. Fruto de uma série de turbulências - na banda, no rock nacional, na própria história política e social do País -, o disco lançado pela WEA há 40 anos (em 25 de junho de 1986) é mais do que um simples clássico da música brasileira: trata-se de verdadeiro divisor de águas, uma espécie de totem facilmente localizável entre o que veio antes e o que aconteceu depois.

Tudo que envolvia os Titãs estava instável em 1986 - incluindo a própria banda. Um octeto com cinco vozes solo distintas e inúmeras criatividade em conflito, a banda tinha dificuldades de afirmar o próprio som, e se ressentia da recepção fria ao álbum anterior, *Televisão* (1985) - um disco polido, de sonoridade comportada, mas que acabou sendo meio que abandonado pela gravadora no meio do caminho. Uma decisão potencializada por um problemão daqueles em torno do grupo: a prisão, em novembro de 1985, do vocalista Arnaldo Antunes e do guitarrista Tony Bellotto, detidos pela polícia por porte de heroína. Bellotto foi liberado no dia seguinte, mas Arnaldo foi formalmente acusado de tráfico de drogas, e ficou quase um mês na cadeia. A situação fez com que os Titãs perdessem shows e por pouco não custou o próprio contrato com a WEA - além de, é claro, aumentar a fervura no caldeirão do conjunto, que se sentiu injustiçado no episódio.

O Brasil vivia, então, uma transição difícil e barulhenta da ditadura para a redemocratização - um processo cheio de sobressaltos, incluindo a morte do presidente eleito Tancredo Neves, um aumento galopante da inflação e uma militarização ainda persistente na vida pública, incluindo reiterados episó-

dios de violência policial. Um clima incerto e sombrio que não se via refletido no cenário musical da época, dominado por uma sonoridade solar e cheia de elementos eletrônicos típicos do *synthpop* e da *new wave*. Artistas como Blitz, RPM, Metrô e Kid Abelha enchiam de cores as paradas brasileiras de então - uma euforia e alto-astral que pareciam combinar cada vez menos com o cenário pesado e cheio de dúvidas do dia a dia brasileiro.

Não surpreende que, dadas as circunstâncias, os Titãs - Tony Bellotto e Marcelo Fromer nas guitarras, Charles Gavin na bateria e as múltiplas vozes de Nando Reis (também baixista), Sérgio Britto (também teclados), Arnaldo Antunes, Branco Mello e Paulo Miklos

- estivessem dispostos a carregar nas tintas no novo disco. Mas não para pintar o mesmo quadro colorido da concorrência: o que eles queriam era algo muito mais pesado, primitivo e visceral. Curiosamente, foi o produtor Liminha - por trás de boa parte dos discos festivos do rock de então, e que havia recebido críticas dos próprios Titãs por ter deixado *Televisão* "polido demais" - quem deu formato sonoro à rebeldia dos oito rapazes, deixando de lado o uso lúdico da eletrônica em nome de um som direto e primal, por vezes parecendo ter saído diretamente da garagem. Algo traduzido desde a capa, reproduzindo um dos muitos esboços do multiartista italiano Leonardo da Vinci, chamado *A expressão de um homem ur-*

rando. O rock brasileiro, de fato, estava prestes a gritar.

A faixa *AA UU*, primeiro single do LP, demorou um pouco para estourar - mas, assim que ganhou tração nas rádios, arrastou *Cabeça Dinossauro* sem pedir licença para o imaginário rock brasileiro. Embora algumas faixas (como *Família* e *Igreja*) ainda lembrem o som mais cuidadoso dos discos anteriores, os Titãs surgem com sangue nos olhos, com um som agressivo que muitas vezes dialoga aos gritos com o punk rock. Polícia, diretamente inspirada na prisão do ano anterior, é um dos *hits* mais brutais da música brasileira, e temas como *Estado Violência* e *Bichos Escrotos* explodem em raiva e indignação dos auto-falantes. Ainda assim, o poderio *pop* dos compositores não está perdido, talvez encontrando em *Homem Primata* seu mais perfeito equilíbrio: a pegada roqueira está lá, mas surge emoldurada por melodias envolventes e um refrão tão grudento que, depois de ouvi-lo uma vez só, qualquer um já sabe cantar. Tudo isso sem abandonar o espírito experimental tão importante para os Titãs, e que surge com mais força nos dois vértices do LP: a faixa-título, que abre os trabalhos com vocais dignos das cavernas e uma

percussão absolutamente selvagem, e *O Que*, uma das geniais poesias concretas de Arnaldo Antunes que fecha o álbum com uma sonoridade ao mesmo tempo dançante e quase paranoica.

Depois desse dinossauro de oito cabeças, tudo mudou. O rock brasileiro começou a falar mais sério, em um processo que consolidou propostas mais cruas e/ou experimentais de grupos como Paralamas do Sucesso, Ira!, Legião Urbana, Engenheiros do Hawaii e Capital Inicial, entre muitas outras.

Na verdade, é até difícil imaginar o que teria sido da cultura *pop* brasileira nesses 40 anos se o álbum em questão não tivesse existido. Os próprios Titãs, é claro, mudaram e se dispersaram pelo caminho - de tal forma que apenas Sérgio Britto, Tony Bellotto e Branco Mello seguem carregando o nome adiante, e encabeçam uma turnê comemorativa às quatro décadas de *Cabeça Dinossauro* que passará inclusive por Porto Alegre, no dia 17 de julho, no Auditório Araújo Vianna. Mas o impacto das 13 músicas do LP segue inalterado, e qualquer um que queira entender os caminhos desse tal de "rock brasileiro" precisa, de tempos em tempos, beber um goles dessa poção mágica de indignação.



Grupo formado por Branco Mello, Sérgio Britto e Tony Bellotto, Titãs fará show no Araújo Vianna em 17 de julho